LIVRARIA DO GLOBO

91782

CARLOS TESCHAUER, S. J.

PORANDÚBA RIOGRANDENSE

1929

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

CARLOS TESCHAUER, S. J.

PORANDÚBA RIOGRANDENSE

LIVRARIA DO GLOBO

1929

EDIÇÃO DA LIVRARIA DO GLOBO
PORTO ALEGRE

privação de toda a sociedade civilisada, nem no trato com pessoas rudes e incultas.

O conjunto dessas como de outras circumstancias imprimiu ás Parochias de indios o caracter de christandades em formação, como o são as verdadeiras Missões. Foi, sem duvida, por isso que continuaram a ser chamadas indistinctamente Doctrinas ou Reducções. E as autoridades ecclesiastica e civil attestaram o uso commum, esta nos decretos posteriores, p. ex. no de 1743, aquella nas informações dirigidas ao rei, como a do bispo do Paraguay, D. fr. José Palos em 1733 e a de D. José Peralta, bispo de Buenos Aires, em 1743.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

CAPITULO VII

Habitantes primitivos do Rio Grande do Sul

O tronco sem comparação mais numeroso dos primitivos habitantes do Rio Grande constituiam os Guaranis. Os nomes de Tapes e outros não eram senão denominações diversas da mesma raça.

Esta é a opinião quasi geral; veremos porém que ha de soffrer uma modificação.

O sul e sudoeste occupavam habitualmente os Charruas, os Minuanos e Guenoas; os Arachanes habitavam ao longo da Lagoa dos Patos e ao sul do curso inferior do Jacuhy, os Carijós viviam no littoral, os Caaguas na região de leste e os Guananás no Alto Uruguay.

O mappa que acompanha este estudo indica as sédes que os primitivos habitantes, segundo as fontes publicadas e ineditas, occupavam mais ou menos habitualmente até os fins do seculo 17.º e inicios do 18.º.

OS GUARANIS

Eram todos de estatura média, reforçados e bem feitos. O tronco em comparação com os membros era grande, os pés e mãos pequenos.

Corpo bem nutrido e robusto, rosto largo, maçãs salientes, nariz achatado, olhos pequenos, pretos, encovados, erguidos no angulo exterior, algo cerrados, e feições algum tanto melancholicas, são os traços salientes em sua configuração physica.

De côr eram os Guaranis acobreados, mais ou menos escuros, segundo as regiões que habitavam.

Supportavam galhardamente fadiga, doença e até a morte. Uma lagrima, um gemido até passava pela maior cobardia que o homem podia commetter. Desprezavam portanto os europeus porque os achavam muito inferiores neste ponto.

Tinham geralmente os sentidos mui apurados. Viam a grande distancia. Tinham desenvolvido o olfacto, a ponto de sentirem de muito longe a fumaça do fogo, ou de distinguirem pela exhalação das pegadas a propria raça a que pertenciam os extranhos. Descobriam a pista do tigre, sentiam pelo cheiro a proximidade do jacaré e ouviam o tinir da cobra cascavel, quando o europeu ainda não suspeitava a presença destes inimigos.

Terem sido mentirosos attestam-no os primeiros missionarios, (1) outrosim que eram inconstantes, imprevidentes, indolentes e fleugmaticos.

Que eram originariamente desconfiados e crueis, como um historiador moderno o quer, não o abona a his-

(1) *Vida e Obras do ven. Roque Gonzales* por C. Teschauer S. J., Porto Alegre, 3.ª edição, 1928, pag. 45.

toria; haja vista a ingenuidade encantadora com que receberam a Alvarez Cabral e muito depois a Nunes Cabeça de Vacca.

Pintavam o corpo caprichosamente, especialmente com genipapo, para se darem um aspecto guerreiro e formidavel. Usavam da tatuagem feita com um dente da cutia para perpetuarem certas proezas e o numero dos desenhos correspondia ao dos feitos gloriosos.

De ornato serviam-lhes os dentes dos inimigos ou de animaes ferozes mortos por quem os trazia e que nenhum outro se atrevia a usurpar. Parece que tinham por amuletos certas pedras nitidamente lavradas, meias luas, corações e outras fórmas symbolicas. Tenho achado algumas no littoral do estado. Enfeitavam tambem com pennas vistosas os braços, pernas e a cabeça e em occasiões traziam nas costas plumas de avestruz.

Póde-se dizer que andavam quasi nús; mas no inverno se cobriam de pelles de animaes ou de um tecido de certa ortiga.

Se o vestuario portanto não lhes custava grande trabalho, maior lhes exigia o sustento. Consistia do producto da caça e pesca e de um cultivo escasso de mandioca, milho e feijão.

Para a caça usavam de arco e flecha de diversos feitios, conforme o tamanho da preza. Empregavam armadilhas chamadas *mundéos* para esmagar a caça sob o peso; outras vezes apanhavam os animaes vivos em covas bem altas e cobertas de rama e terra.

Na pesca empregavam tambem a flecha com admiravel habilidade e o anzol. Para obterem grande quanti-

dade de peixe, lançavam ramos de *tingui* n'agua, que o fazia apparecer morto na superficie. Os habitantes do littoral preparavam suas rêdes, de pescar tainhas, de fio da palmeira *tucum*. Para conservarem o pescado *moqueavam-no* (2). Houve tambem uma maneira de reduzil-o a pó ou farinha, que denominavam *piracui* (3). O mesmo praticavam com a carne; uma especie destas preparações lembra a nossa *passoca* (4).

Os indios visinhos da costa em certos mezes faziam larga provisão do marisco ou *sernambi,* separando-o da casca ou concha, que amontoavam á beira do mar. Formavam-se assim aquellas celebres ostreiras que são conhecidas pelo nome de *sambaquis*. Dellas não só extraem a cal tão rara entre nós, como tambem diversos preciosos restos ethnologicos daquelles indios.

Usavam na pesca tambem a canoa *(igára)*. Era esta feita de um tóro cavado com o auxilio do fogo. As chamadas *ubás* eram feitas de uma certa cortiça. Parece que os colonos faziam sobre este modelo as *pelotas* de couro de boi usadas nas passagens dos rios.

Ao passarmos a tratar das

---

(2) *Moquear*, assar a meio a carne ou peixe para melhor o conservar. Para esta operação servia o *moquem* ou grade de paus em fórma de grelhas.

(3) Compõe-se de *pira*-peixe e *cui*-pó.

(4) *Passoca* é comida feita de carne secca e pisada, de mistura com a farinha de mandioca; é alimento mui precioso para quem viaja por logares ermos e destituidos de recursos.

CONDIÇÕES DA FAMILIA GUARANI

temos que tocar a questão, se entre os guaranis casados havia verdadeiro matrimonio. Para esclarecer-nos sobre este assumpto, basta considerar o que a este respeito referem os missionarios testemunhas oculares.

Reservando para outra occasião tratarmos esta controversia mais detidamente, nos limitamos aqui a resumir os seus pontos principaes.

Nenhuma ceremonia precedia este gravissimo acto da vida social. Com a mesma facilidade com que tomavam mulher, trocavam-na por outra, como se muda uma criada por outra, e isso por motivos levissimos, como por não saber guisar as viandas ou preparar os vinhos e semelhantes futilidades.

Muitas vezes casavam-se com mãe e filha ou com varias irmãs.

Em certas occasiões offereciam uma das esposas a qualquer amigo ou tambem a um criado; este porém, partindo, devia restituil-a. Havia quem, mudando a habitação, abandonava tambem a esposa.

Ponderando este factos, chegaram os missionarios á convicção que taes uniões não eram verdadeiros matrimonios. Tambem a simples consideração que não eram contractos, pela razão de os não conhecerem, levava á mesma convicção. Aquelles que julgavam que o casamento com a primeira mulher era verdadeiro matrimonio, topavam com difficuldades invenciveis. Submetteram-nos a uma decisão ecclesiastica, que declarou haver nesta materia plena liber-

dade de opinião. Desta maneira, diz Techo, (5) arraigou-se a doutrina dos missionarios americanos que sustentavam que em geral eram nullos os matrimonios dos Guaranis e que estes, depois de baptisados, podiam escolher livremente entre suas concubinas a que queriam para legitima mulher. Outrosim que era indispensavel muita cautela em materia tão delicada. (6)

O direito matrimonial, se podermos falar em tal, reduzia-se a poucos principios. Só ao pae, pensavam elles, se devia a vida do filho. A mãe era considerada sómente como guarda e depositaria da próle e esta não contrahia deveres com ella. Aos filhos passava a condição do pae e não a da mãe. Se esta era escrava e o pae livre, tambem os filhos eram livres. Se pelo contrario o pae era escravo ou inimigo, como tal era tratado o filho.

A mulher repudiada ou viuva, caso que não achasse novo esposo, passava para a classe das velhas.

A mulher depois de dar á luz ia com o filho lavar-se ao rio e continuava na lida da casa como antes; pois não era sujeita aos incommodos que observamos na civilisação e que reclamam o resguardo.

Em compensação conservava-se o marido deitado na rêde e se abstinha de certas comidas e de quasi toda a occupação. Tem-se chamado este costume de *choco* ou *couvade* de homem, como se fizesse as vezes da mãe.

Parece injustificado este ponto de vista. Era uma mera superstição, a qual obrigava o pae a uma rigorosa

(5) Techo, Hist. Provinc. Paraq. Lib. X Cap. 15.
(6) Montoya, Conquista, cap. 10.

abstinencia de tudo quanto julgavam acarretar alguma desgraça ao recem-nascido. Conservando-se assim retirado e abstinente, procurava mais facilmente evitar as occasiões em que, segundo sua supersticiosa convicção, podesse prejudicar a próle. Era pois um bello acto de amor paternal; era a continuação dos habitos que assumira, quando se annunciava o nascimento. Abstinha-se o pae já então de caçar, de fazer flechas e macanas, para não causar damno ao filho.

Ao recem-nascido davam um nome apropriado ás boas ou ás más qualidades que tivesse; se, por exemplo, era muito moreno, chamavam-lhe corvo, e rã quando chorava muito. Furavam-lhe o beiço inferior, achatavam-lhe o nariz e estiravam-lhe os braços e pernas para os tornar bem rijos. (7)

A mãe criava o filho até sentir-se de novo mãe; assim havia *columi* (menino) que mamava seis e oito annos.

Castigo corporal como correctivo educativo era inteiramente desconhecido, e só com muita difficuldade conseguiu o veneravel Roque Gonzales introduzil-o nas primeiras reducções.

Tão pouco reprehendiam os filhos, por mais censuravel que fosse uma acção praticada por elles.

Cedo ensinavam aos meninos o uso das armas e a maneira de fabrical-as.

Os laços da familia eram naturalmente mui frouxos. Viviam em grupos de familias, a que os levava a sua organisação social, que se liga á patriarchal e á polygamia.

(7) *Techo*, Hist. Prov. Paraq.. Lib. V. c. 7.

Construiam cabana ou *oca,* em que viviam varios casaes. Diversas ocas formavam uma *taba* ou *toldo* (aldeia), assim disposta que no meio lhe ficava um terreiro ou como praça, onde faziam suas reuniões e festas. As cabanas eram armadas em quatro paus, cobertas de palha de palma pindoba (coqueiro) como taes que hoje servem e amanhã são abandonadas. E nellas não havia outros repartimentos que umas cordas que indicavam o logar que a cada familia tocava.

Os utensilios domesticos ou mobilia da casa reduziam-se a poucas cousas. Vem a ser uma rêde de algodão que pendurava de esteio em esteio por duas pontas; o *panacú* ou canastra de palha que servia de arca; umas talhas para suas bebidas; um cabaço para guardar sua farinha e umas *cuias* que serviam de copos.

Na cabana conservavam dia e noite acceso o fogo ou debaixo das rêdes de dormir ou no centro, onde costumavam reunir-se com os pés chegados ao lume. Quando por acaso se extinguia, tiravam-no de certos paus, um molle e verde, o outro duro, que friccionavam um com a outro até conseguirem fogo.

Em cada familia se repartia o trabalho, segundo os sexos. Os homens apresentavam as armas, levantavam a cabana, tratavam da caça e da pesca e faziam a roça.

As mulheres estavam encarregadas das plantações, de fabricar a farinha, preparar as bebidas. O preparo destas, quando extrahidas do milho, era reservado ás moças, que mastigavam os grãos para communicar-lhes a necessaria fermentação. Estes trabalhos estavam entregues ás mu-

lheres, como a quem lhes communica uma especial fertilidade e virtude. (8)

De algodão faziam as rêdes e da fibra de uma ortiga uma especie de *pala* (9) para resguardarem-se do frio do inverno.

Eram ellas quem exerciam a arte ceramica, fabricando diversos vasos de barro, não destituidos de elegancia e ornamentos.

Nas transmigrações carregavam os fardos; mas o movimento destas e as distancias que cada dia deviam vencer dependiam das mulheres.

Amigos que voltavam após longa ausencia, recebiam-nos as mulheres com grande pranto, altos suspiros e copiosas lagrimas, como se se compadecessem dos incommodos que no caminho soffreram. Logo depois mostravam-se alegres e como de festa, dando ao hospede as boas vindas e traziam-lhe de comer e perguntavam-no por onde andára. (10)

Nas suas doenças, applicavam o sumo de hervas medicinaes, outros chamavam os feiticeiros, que fingiam tirar-lhes chupando, as causas da enfermidade. Sangravam-se com o dente da cutia.

Só ás mulheres era licito carpir a morte dos seus caros. O verdadeiro bravo devia, segundo elles, ser com-

---

(8) Gabriel Soares. Noticias do Brasil, II P, cap. 158.

(9) *Pala*, especie de capa, de fórma mais ou menos quadrada com uma abertura no meio, por onde se enfia a cabeça, semelhante ao poncho.

(10) Soares II P. cap. 162. Vasconcellos, Chronica da Comp. Noticias das cousas do Brasil L. II n. 137.

pletamente insensivel. Neste respeito eram-lhes inferiores os celebres *recken* ou heróes germanicos, que não hesitavam em deitar a chorar e gemer em certas occasiões escusadas.

A mais bem conhecida maneira de sepultarem os seus mortos era a de metter o defunto de cócoras em uma *igaçába* ou talha de barro, com todos os seus trajos e armas. A cóva em que punham a igaçába com o corpo por vezes se abria no proprio rancho em que vivera o defunto. Ainda hoje encontram os colonos a roçar os mattos taes urnas funerarias.

Restam umas observações sobre o que se póde chamar a

ORGANISAÇÃO SOCIAL DOS GUARANIS

Viviam em povoações mui pequenas, mas não sem governo; a fórma deste era a patriarchal. Os chefes ou *morobixabas* eram hereditarios ou electivos.

Para resolverem um negocio de maior importancia, uma transmigração, a morte de alguns prisioneiros, convocavam a cabilda, que se reunia no terreiro da taba.

Os morobixabas se sustentavam de quanto os seus traziam da caça ou pesca, ([11]) comiam quasi sempre á parte e encostados, os demais comiam da gamella em commum e de cócoras.

Havia entre os da mesma tribu verdadeiro communismo. Nenhum comia ou bebia sem repartir com os demais.

([11]) Soares, Noticias do Brasil, cap. 160.

Não conheciam a propriedade de terras ou de bens de raiz. Neste ponto eram iguaes aos antigos germanos. ([12]) Nenhum possuia um campo como propriedade pessoal. E se lhe tivessem perguntado a quem consideravam senhor da sua terra, ter-lhes-ia parecido tão absurda semelhante pergunta como esta outra, quem era o proprietario da sua atmosphera.

Tambem as guerras não se emprehendiam para conquistar terras ou aldeias, mas sim para fazer prisioneiros que servissem de escravos, para vingar uma affronta, ou emfim bastava o desejo de arrebatar ou de reivindicar uma ou varias das mulheres da tribu extranha.

E' este aliás um facto mui commum entre os povos selvagens e que se hoje designa pelo nome de *exogamia*. ([13])

Precediam a uma expedição guerreira muitas e calorosas exhortações dos morobixabas e de outros eloquentes. Os poderes dos morobixadas eram absolutos durante o tempo da guerra. A decisão definitiva, porém, dependia de um conselho, em que tomavam parte os homens principaes da tribu.

Depois de armarem suas rêdes, assentavam-se na melhor ordem os do conselho militar e ouviam com muita attenção o discurso do morobixaba. Em seguida, começando pelo mais velho, falava cada um por sua vez.

([12]) C. J. Ceasar, Comment. de bello gall. IV & VI, 22. Tacit German, XXVI-16.

([13]) J. Capistrano de Abreu na 3.ª edição da Hist. Geral do Brasil, pag. 67, Nota G.

Resolvida a guerra, todos concorriam em commum para os preparativos da campanha. Estes reduziam-se a apromptarem suas armas e a fabricarem a *farinha de guerra.*

Não havia prévia declaração de guerra. Antes de abalarem os guerreiros, designava o general exploradores, espias e um *capitão de deanteira,* que ensinava o caminho e indicava os pousos para a noite. Chegando á visinhança do inimigo ou duas jornadas da aldeia inimiga, não accendiam mais fogo, para não serem trahidos pela fumaça ou pelo cheiro do fogo.

O systema do ataque era o das ciladas, cahindo sobre o inimigo com urros e com estrondo de buzinas e tambores. Assenhorear-se de um dos inimigos, trazel-o comsigo e ufanar-se com as honras do triumpho era a maior gloria para o guerreiro. Se um dos partidos, sem perda dos seus, conseguia aprisionar alguns inimigos, o combate durava pouco tempo; pois o vencedor se dava pressa de fugir com o captivo.

Por não termos encontrado testemunha certa que um dos primitivos povos do Rio Grande do Sul tivesse comido carne humana, e por conseguinte sacrificado os prisioneiros de guerra, nos abstemos aqui de descrever aquelle "sacrificio antropophogo" muito em voga entre as tribus do norte.

Tão pouco offereciam propriamente sacrificios, como Varnhagen parece insinuar; pois os indios do Brasil não

tinham idolos, nem prestavam culto a divindade alguma. (14)

Em compensação andavam muito aferrados a praticas supersticiosas. Temiam a influencia prejudicial de espiritos ou entes malignos, conhecidos sob os nomes de *Anhangá, Jurupary, Curipira* e *Caipora.* (15)

Nestas superstições os confirmavam e conservavam os pagés ou feiticeiros, pretenciosos charlatães, que se sujeitavam a uma dura iniciação para se imporem a credulidade e veneração do povo. Inculcavam-se por senhores da atmosphera e até da vida e da morte dos homens. Diziam tambem saberem o futuro, escutando a linguagem das aves, consultando as hervas sagradas do mate e do tabaco.

O que para sempre fará lembrar o nome guarani é a sua lingua. Os monumentos linguisticos, os diccionarios e grammaticas, as poesias de Anchieta, Montoya, Figueira, os cateciscos de F. Luiz Bolanhos e do veneravel Roque Gonzales, os estudos de Restivo, os sermões e traducções em guarani serão consultados, emquanto se houver de estudar a America.

Os que mais penetraram a natureza desta lingua, mais lhe exaltam as raras qualidades e a equiparam ás

---

(14) Cf. Anchieta, *Informações,* pag. 27. Nobrega, *Cartas* V pag. 70. Montoya, *Conquista* cap. 10. Lozano, *Hist. de la Provincia del Parag.*, l. i, cap. 19 n. 11. O P. Sanches Labrador no seu inédito *Paraguay* III pag. 380 diz: "No son idolatras, sino ateistas simples". Vasconcellos, *Chronica da Comp. Noticias das cousas do Brasil,* lib. II. n. 12.

(15) Vide *Anthropos* de 1906 onde publicamos *Mythen u. alte Volkssagen aus Brasilien,* Salzburg, 1906.

classicas. Estes lhe celebram a riqueza, aquelles a elegancia da expressão; uns a delicadeza para exprimir os ternos e variegados affectos das orações da igreja, outros lhe admiram o fino de sua ductilidade, com que sabe traduzir as disposições juridicas da legislação hespanhola em toda a integridade de sua expressão subtil, e todos a consideram como um phenomeno até hoje inexplicado no campo da archeologia americana.

Pois os ethnologos experimentam naturalmente grandes difficuldades em explicar como um povo, não semicivilisado, mas selvagem, pôde, não digo formar, mas conservar e transmittir-nos uma lingua tão perfeita. E parece que aquelles que, com Carlos von Martius, vêem nella uma herança de um povo civilisado que já ha muito deixou de existir, não estão longe da verdade.

Este espinhoso problema da origem dos indigenas está ainda longe de sua solução. Na incerteza geral, ha apenas uns vislumbres de luz a respeito da origem dos nossos primitivos habitantes.

Ha varios restos e indicios, entre os quaes as fundas com uma perfuração circular bi-conica (conhecidas como machados circulares) e outros que o nosso Rio Grande se deve ethnologicamente adjudicar não a S. Paulo e ao norte do Brasil, mas á bacia rio-platense, onde se encontram geralmente as ditas fundas, que faltam absolutamente no resto do Brasil.

Parece, portanto, que o ponto de partida para os nossos indigenas foi a região andina. Que sua physionomia ethnica os prende a uma civilisação prehistorica transandina, inculcam-no estes e outros dados ethnologicos, apparentemente dispersos sem ordem, mas realmente convergentes como raios ao mesmo centro.

OS TAPUIAS

Falar na existencia de Tapuias no antigo territorio do Rio Grande póde talvez causar admiração a mais de um dos estudiosos da nossa historia. Demostraremos, porém, que tinham seus representantes tambem entre os primitivos habitantes deste Estado. E' opinião quasi geral dos historiadores modernos que os indios Tapes eram da estirpe dos Guaranis; porém o P. Techo os distingue destes, dizendo que pouco differem destes quanto aos costumes e lingua, e accrescenta que não adoptaram todos os costumes dos Guaranis, mas sim que eram mais doceis e menos corrompidos por vicios (Lib. X, cap. 9). Passo a allegar outro escriptor de grande autoridade, é Gabriel Soares de Souza, que no ultimo quartel do seculo 16.º na sua *Noticia do Brasil* nos deixou uma verdadeira ethnographia sobre as tribus da costa do Brasil.

Depois de dar-nos uma noticia geral das tribus que não eram Guaranis, desce a descrever a dos Guayanás, que limitavam com os Tamoyos em Angra dos Reis e com os Carijós no rio de Cananéa.

No cap. 72 da I parte continúa a delinear o *habitat* dos Tapuias: "Esta costa, desde o rio dos Patos (em frente da ilha de Santa Catharina) até a bocca do rio da Prata, é povoada de Tapuias, gente domestica bem acondicionada, que não come carne humana, nem faz mal á gente branca, que os communica, como são os moradores

da capitania de S. Vicente, que vão em caravelões resgatar por esta costa com este gentio alguns escravos, cera da terra, porcos, gallinhas e outras cousas, com quem não tem nunca desavença, e porque a terra é muito rara e descoberta aos ventos, e não tem mattos nem abrigadas, e não vivem estes Tapuias ao longo do mar, e têm suas povoações afastadas para o sertão ao abrigo da terra, e vêm pescar e mariscar pela costa".

Na cap. 71 fala expressamente do territorio do Rio Grande: "Dos mantimentos da terra se aproveita o gentio Tapuia em suas roças e lavouras..."

Segundo Gabriel Soares, os Tapuias occupavam o sertão do Rio Grande já pela simples razão de ser inhabitavel a costa pelos fortes ventos que a açoitavam.

Mas no sertão, geographicamente proximo da costa, viviam então vinte mil Arachanes, como refere Ruy Dias de Gusmão na sua *Argentina,* e estes eram Guaranis. Para resolver esta contradicção — apparente ou verdadeira — é preciso lembrar que na America do Sul diversas tribus fracas ou guerreadas por outras se ligaram ou se sujeitaram a outras mais fortes. A tribu dos Chanés p. ex. submetteu-se a mais valente dos *Mbayas.* Acossados pelos Charruas como eram, sujeitar-se-iam os Arachanes aos Guaranis, começariam a falar sua lingua, *guaranisar-se-iam;* e conseguintemente passavam por Guaranis, como quem fala essa lingua. ([16]) A palavra *Guarani,* diz Bauzá, se applicava indistinctamente ás tribus que falavam a lingua guarani. ([17])

([16]) **Temos um frisante exemplo na historia contemporanea; os habitantes allemães, cujas terras ficaram annexadas á Prussia em 1866, tem-se chamado prussianos.**

Que os Tapes fizessem cousa semelhante é provavel; ao menos Gabriel Soares nos autorisa a consideral-os Tapuias guaranisados e Techo nos insinúa que não eram Guaranis.

Estava ainda procurando mais uma prova, quando me veio ás mãos um opusculo de abalisado ethnologo, o Sr. Lafone Quevedo. Trata este escriptor na sua *Etnologia Argentina* tambem da bacia do rio Uruguay, dos Tapes, Arachanes, dos Carijós e Guananás e attribue-os á grande raça Tapuia. ([18])

Na historia das tribus que existiam no antigo territorio do Rio Grande não encontrei um só caso de anthropophagia. Um dos distinctivos dos Tapuias é que não comem carne humana, segundo nos assevera Gabriel Soares diversas vezes. Só por esta qualidade differenciavam-se dos Guaranis, ainda que acceitassem outros costumes e a lingua delles. Do muito que o mesmo autor escreveu sobre os Tapuias merece ainda o seguinte a nossa attenção:

"Vivem estes Tapuias em suas aldeias com casas bem armadas e tapadas pelas paredes de pau a pique a seu modo, muito fortes por amor dos contrarios as não entrarem e tomarem de subito, em as quaes dormem em rêdes

([17]) **Dominacion Española en el Uruguay I. p. 181.**

([18]) ***Etnologia Argentina* por Samuel A. Lafone Quevedo, director del Museu de la Plata, Buenos Aires, 1909, pag. 196.**

como os tupinambás, com fogo á ilharga... São estes Tapuias grandes homens de fazer guerra a seus contrarios, e são mais fieis que os tupinaes". (19)

Os costumes que adoptaram os Tapes dos Guaranis já acima foram descriptos.

Como em todo o Brasil assim tambem no Rio Grande, rarissimas são as denominações tapuias perdidas na grande torrente tupi-portugueza que alastrou por toda a parte.

Apenas nos restam na geographia rio-grandense os nomes *Goyo, Goyo-En, Chapecó, Nioak* (?); é tudo que se salvou da lingua dos Tapuias deante da invasão tupi-guarani impulsionada pelas *bandeiras* dos paulistas e os missionarios. Ao passo que se iam descobrindo, as regiões recebiam um nome guarani e o conservavam, ainda que nellas jamais tivesse habitado uma tribu de raça guarani. (20)

---

(19) *Noticias do Brasil* II cap. 185. Não alteramos nada do antigo texto de G. Soares. Parece que este autor não é consultado como merece e que estrangeiros nos devem chamar a attenção para thesouros que temos em casa. Assim diz o citado ethnologo D. Lafone Quevedo: "Volvamos a Gabriel Soares de Souza, verdadeiro etnógrafo en el siglo XVI. Puede decirse que su obra es irreemplazable, y por lo que respecta á la gran familia Guarani, completa". (Etnologia Argentina. V).

(20) Cf. Theodoro Sampaio, *O Tupi na geographia nacional*, S. Paulo 1901, ps. 14 e 17.

OS CHARRUAS

No tempo de sua maior pujança, extendia-se esta bellicosa tribu do rio Paraná até ao littoral do Atlantico; ao depois dominava só o terreno entre a Lagoa Mirim e os rios Uruguay e Paraná. Comtudo conservava seu nativo valor, valendo-lhe a conhecida bizarria não ter sido subjugada por quem quer que fosse.

Apparecem a primeira vez na historia ao lado do celebre descobridor do rio da Prata, a quem prepararam seu tragico fim.

Parece que na época da conquista não contavam mais de duas mil almas entre homens e mulheres; mas o valor indomito, o orgulho e altivez, o amor á independencia grangearam-lhes uma reputação superior á que a força numerica lhe poderia valer.

Eram os Charruas de côr morena tirante a negro, bem formados de corpo, vigorosos, ageis e de estatura elevada. Tinham os olhos fundos e horisontaes, negros e brilhantes, sombreados por palpebras entreabertas, os dentes claros e fortes. O cabello preto e basto usavam mui comprido, atado os homens, solto as mulheres. Como insignia do sexo forte traziam aquelles um pausinho no labio inferior que a mãe tinha o cuidado de perfurar logo ao recem-nascido.

Eram astutos e avisados, mas não homens de palavra. Segundo historiadores antigos, não sacrificavam christão algum aos horrores da anthropophogia, mas os modernos não os absolvem.

Depois de introduzido o cavallo na America, não eram

mais ligeiros como antes, mas tornaram-se bons cavalleiros. A's suas bolas certeiras, arma formidavel ao inimigo, não escapava caça do campo.

Como verdadeiros nomades tinham habitações portateis, formadas de quatro paus e umas levavam esteiras que collocavam onde a noite os surprehendia, "hoje aqui, amanhã lá, sempre peregrinos e sempre na sua patria". (Lozano). As razões que para isso allegavam eram que não tinham a paciencia de sempre estarem debaixo do mesmo céo, que sentiam a necessidade de mudança para experimentarem climas diversos. A escassez de caça e a inimizade dos hespanhoes seriam outras tantas.

Chegando a faltar-lhes a rêde, servia-lhes de leito o duro sólo ou um couro de veado. Cobriam-se contra a inclemencia do clima com couros de veado curtidos com a gordura de peixe. Os primeiros colonos, quando lhes cahiram rotos os vestidos sem esperança de poderem renoval-os, tiveram de imitar-lhes o exemplo.

Em tempo de paz não sahiam de noite. Gastavam noites inteiras no jogo de cartas. Tão entregues eram a este vicio, que assaltavam passageiros para obterem baralhos; os que queriam sahir airosamente de taes encontros, vinham providos deste artigo tão cubiçado.

Pouco communicativos, não conheciam danças, nem festas, nem cantos, nem instrumentos musicos.

Facilmente moviam guerra aos visinhos, particularmente aos Yarós, tão barbaros como elles, e aos Arachanes. Ao emprehenderem uma expedição bellica, reuniam-se de noite os chefes de familia, para designarem os postos a occupar e regularem o serviço das sentinellas. Estas

Fig. 1

Fig. II

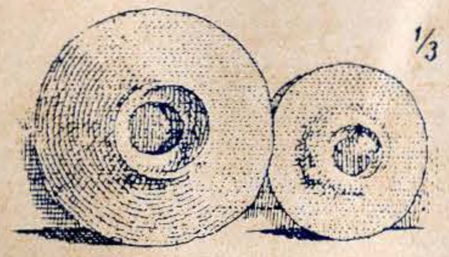
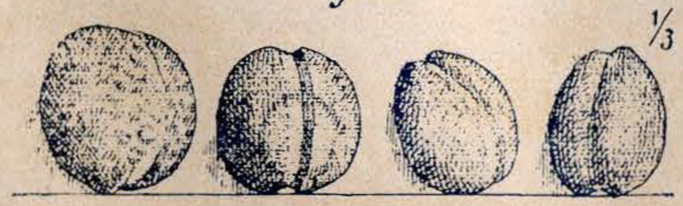


Fig. III



eram enviadas a grandes distancias para indagarem a força e posição do inimigo. No ataque, que começavam com um terrivel grito de guerra, contentavam-se com uma só victoria, sem aproveital-a; deixando desta fórma ao adversario tempo de recobrar forças e de ousar nova aggressão.

Além das flechas e arcos usavam em guerra tambem de uma especie de funda ([21]) que lhes parece particular. (Vide estampa em frente, fig. 1 e 2, e as mencionadas bolas, fig. 3).

Ambas as armas não se encontram em outra parte do Brasil; emquanto abundam nos campos rio-grandenses.

Ao inimigo vencido tiravam a pelle da cabeça, para a guardar como trophéo perpetuo; ([22]) e não contentes com isto, marcavam o numero dos mortos por outras tantas cutiladas no proprio corpo.

Por muitos annos foram inimigos jurados das reducções guaraniticas, que soffreram delles diversos e continuos assaltos como os de Yapejú e Cruz.

Depois de pacificados vieram a esses povos para comprarem fructos, tabaco e herva-mate a troco de cavallos. Mas nada queriam saber da religião e da ordem em que viviam os Guaranis. Vinham a ser uma tentação para alguns reduzidos, que se refugiavam ás suas terras, como a uma *Ginebra,* diz Lozano, para viverem sem freio e entregues a inteira licenciosidade.

([21]) Techo Hist. Prov. Parag. lib. VII, cap. 7.

([22]) O costume de escalpar vigorava, como é conhecido, tambem entre outras tribus selvagens da America.

Cada vez que um dos seus parentes morria, cortavam uma articulação dos dedos, de sorte que finalmente tinham truncadas as mãos e os pés sem uso.

Enterravam os mortos em um cerro, fazendo pequena excavação em que coubessem tambem as armas do fallecido. Levavam os ossos dos parentes defuntos para onde se mudavam.

A sua lingua, segundo Hervás, era algo differente da dos Guenoas; segundo outros, approximava-se da dos Puelches.

OS GUANANÁS

Emquanto o mappa — Caraffa, do seculo 17.º distingue ainda os Guananás dos Gualachos, identifica-os Lozano no seculo 18.º. No mappa occupam os Guananás margens do Alto Uruguay e os Gualachos as do Iguaçú.

Vivendo da caça e pesca, não se demoravam os Guananás muito tempo no mesmo sitio; mas mudavam-no de dois em dois annos. Estabeleciam-se em pequenas aldeias separadas ainda por grandes distancias, para não sahir demasiadamente acanhado o espaço em que pudessem exercer a caça e a pesca.

Dos productos dellas faziam provisão para o anno inteiro, contra o costume quasi commum das outras tribus que, com raras excepções, nem cuidavam do dia de amanhã.

Suas casas ou choças construiam, plantando um tóro, de cuja ponte desciam quatro paus em fórma de cruz, outras tantas divisões faziam para as familias por meio de paredes de folhas de palmeira.

As aldeias communicavam entre si por picadas abertas no matto, que eram porém pouco trilhadas. Quando tinham motivo de castigar ou atacar uma aldeia, faziam a declaração de guerra, fixando nestas sendas umas flechas. Quando, pelo contrario, pretendiam convidar para alguma festa, collocavam no chão umas espigas de milho, dispostas em circulo, e suspendiam outras em arvores.

Nessas festas costumavam embriagar-se, rompendo então em uma gritaria infernal. Uns cantavam desentoadamente, outros choravam; estes davam gritos, aquelles suspiros, estes outros arremedavam as vozes de animaes com bramidos, silvos, uivos, latidos e relinchos, aquelles outros imitavam o canto das aves, tudo em uma confusão de vozes e charivari desenfreado. Emfim, passando a vias de facto, arranhavam e mordiam uns aos outros, como se pelejassem com inimigos. De facto originaram-se dahi muitas vezes abertas hostilidades e a despedida da festa degenerava em declaração de guerra. Tambem as mulheres tomavam parte nestas orgias, se embriagavam e por causa dellas é que se ateavam as contendas. Maridos descontentes desfaziam-se de más mulheres e as repudiadas vingavam-se a valer.

Fóra do tempo destas borracheiras, portavam-se as mulheres com recato e seu traje ordinario era mui decente. Era uma especie de tunica, que cobria o corpo até os pés, deixando descobertos os braços. Os homens andavam nús, excepto alguns que usavam camisas compradas aos Guaranis.

Os moços e moças não tomavam vinho e por conseguinte lhes incumbia o officio de esconder as armas du-

rante a festa. O motivo desta sabia providencia não é difficil de advinhar.

As cordas de seus arcos eram feitas das fibras de uma ortiga. As flechas que serviam para a caça não tinham ponta farpada, mas mui larga para abrirem ferida grande e sacar muito sangue. Desta sorte era facil perseguir o rasto da caça até o emmaranhado do matto.

Não tinham vestigio de religião, mas criam que a alma dos defuntos, a qual chamavam *acupli,* se convertia em um demonio. Gosavam de grande autoridade os feiticeiros, que os traziam illudidos com seus embustes. Davam oraculos depois de consultarem ou beberem mate e prefaciavam o oraculo com as palavras: A herva me disse isto ou aquillo.

Em cada aldeia havia um cemiterio, que guardavam bem limpo. Sobre as sepulturas levantavam uma pyramide de terra, em cujo cimo collocavam uma *cuia* com agua e ao pé conservavam um fogo lento, nutrido diariamente pelos parentes. A cuia, diziam, serve para matar a sêde ao defunto e o fogo para afugentar as moscas.

A sua lingua era muito differente do guarani, segundo Dias Tanho, que os visitou e falou com elles por intermedio de interprete.

A esta tribu parecem ligar-se os restos de Caingang no norte do Estado, mais conhecidos sob o nome de Coroados, e os de Santa Catharina e Paraná. ([23]) Lozano con-

([23]) Dr. Ebrenreich, Ethnographia Selvagem, traducção de um artigo publicado no Archiv für Anthropologie, Braunschweig.

servou-nos um vocabulo da lingua dos Guananás, o já mencionado *acupli,* alma. Esta palavra com o mesmo significado encontra-se na lingua dos Caingangs.

OS CAAIGUAES

Entre a região do Tape e o Atlantico ficaram os Caaguas ou Caaiguaes, que se não devem confundir com os indios do mesmo nome entre o Uruguay e o Paraná. Estes mereciam bem seu nome, que quer dizer gente silvestre, por sua rudeza e bruteza, em que se pareciam muito com os irracionaes. Foram baldados os esforços dos missionarios para reduzil-os.

Porém os do littoral do Rio Grande não resistiram aos apostolicos esforços do ven. P. Christovam de Mendonça; os timidos inicios desta missão foram destruidos pelos mamelucos.

OS CARIJÓS

Segundo os mappas da metade do seculo 16 até a do 17, occupavam os Carijós o interior do territorio riograndense para a banda do sul.

Mas deste tempo em deante vemol-os figurar na costa do Atlantico. ([24]) Ao norte deste Estado porém apparecem já no primeiro quartel do seculo 16 no littoral,

([24]) Vide as cartas geographicas de Barthol. Velho de 1561, de Van Langeren de 1630, de Pierre du Val 1655-66, de Guilherme de l'Isle de 1700, de Olmedilla de 1775.

onde os encontrou Diego Garcia. A este receberam com a mesma humanidade com que acolheram a Gabot, contra quem lhe deram queixas pela ingratidão com que lhes pagara os beneficios. ([25])

Dintinguiam-se por seus contumes pouco bellicosos e brandos; sustentavam-se não só da caça e pesca, mas tambem de suas lavouras de mandioca, feijão e outros legumes. Viviam em casas bem cobertas, que defendiam contra o frio com cascas de arvore. Costumavam no inverno lançar sobre si umas pelles de caça, uma por deante outra por detraz.

Não eram anthropophagos. Nas suas festas o uso de bebidas era moderado e as mulheres se abstinham do vinho, abrindo assim louvavel excepção entre as tribus do Brasil.

Estes indios eram grande mercadores e para negociar com os portuguezes vinham de uma distancia de trinta leguas, carregados de favas, batatas, rêdes e pelles. ([26])

O P. Nobrega dava aos Carijós a preferencia entre todos os indios da costa. ([27])

OS ARACHANES

Sobre a costa occidental da Lagoa dos Patos e as margens do Guahyba habitavam vinte mil Tapuias *guaranisados,* os Arachanes.

([25]) Lozano, Conq. de Rio de la Plata 1, II, cap. 2, 1.
([26]) Vide neste mesmo livro o capitulo *Poranduba Rio-Grandense.*
([27]) Cartas de 1549. Cf. porém H. Staden, que diverge. Rev. do J. H. Brasil, t. 55 pag. 332.

Não se differençavam dos demais em costumes e lingua; mas deram-lhes este nome, segundo uns por trazerem o cabello de uma maneira particular, segundo outros por ser gente do Este, ou que vê despontar o dia. Eram homens bem apessoados e mui bellicosos, andando quasi sempre em guerra, ora com os Charruas, ora com os Guananás terra a dentro. ([28])

Nesta região collocam escriptores modernos o *habitat* de indios *Patos;* assim escreve por exemplo Machado de Oliveira, que Domingos Peixoto de Brito nas suas explorações deparára com os vastos campos do Rio Grande, que então não puderam ser bem reconhecidos por causa da resistencia encontrada da parte da tribu dos Patos que habitava as margens da lagoa do mesmo nome. ([29]) Aqui basta lembrar que este nome, bem que em mappas, não figura na antiga historia. ([30])

OS GUENOAS

No inicio do seculo 17, viviam os Guenoas ao sul do rio Ibicuhy e dos sete povos das missões guaraniticas.

Nada sabemos sobre os caractéres physicos destes indios.

([28]) Lozano, Conquista, I pag. 18.
([29]) Brigadeiro José J. Machado de Oliveira. *Quadro historico da provincia de S. Paulo,* 2.ª ed., S. Paulo 1897.
([30]) Alfredo F. Rodrigues. *O nome da lagoa dos Patos,* Annuario do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1908.
Dr. H. von Ihering. *Os indios Patos e o nome da Lagoa dos Patos.* São Paulo 1897.

Quanto á organisação social formavam agrupações presididas de tuxavas, os quaes, ao que parece, gosavam de grande autoridade. Tinham feiticeiros, porém pouco estimados por estes; attendiam especialmente aos enfermos.

Ainda que os Guenoas fossem finos atheistas (31) como os Charruas, não eram tão pertinazes e se deixavam reduzir a abraçar o christianismo, mas as reducções duraram pouco tempo.

Alimentavam-se de caça e pesca, que abundavam no territorio. Commerciavam com os portuguezes da Colonia do Sacramento, de quem recebiam lanças e alfanges para suas guerras, com a condição de lhes fornecerem couros roubados nas estancias hespanholas. Sabe-se que, unidos aos Guaranis das Missões, no primeiro quartel do seculo 18, bateram os Yarós e Charruas, seus inimigos.

Tinham habitos guerreiros. Para convocarem ou avisarem uns aos outros em tempo de guerra, davam recado por meio da fumaça e fogo, accendendo cada tuxava grande fogueira em seu *pago*. Com estes signaes, não só venciam a distancia consideravel que os separava, mas davam até informações sobre a força numerica do inimigo e a conveniencia de se reunir toda a tribu para a defeza commum.

Faziam fogo, como tantos outros indios, esfregando dois paus. Comiam a carne depois de ligeiramente assada e bebiam hydromel.

---

(31) **Lozano, Conquista, I p. 411.**

Sabiam preparar o couro e lavrar para seu uso pedra, madeira e fazer utensilios de osso e barro. As armas de pedra poliam-nas com esmero.

Eram semisedentarios e tinham habitações portateis.

Fóra das bolas, usavam, depois de introduzido o cavallo, tambem da lança. Utilisavam o ferro trazido pelos europeus para pontas de flecha.

Que o P. Garcia falava com elles sem interprete não prova que não tivessem lingua differente dos idiomas paraguayos. Pelo contrario, existe catecismo escripto em guenoa e conhecido a Hervás, attestando sua differença.

OS MINUANOS

O nome destes indios, tão conhecido no Rio Grande do Sul, quando submettido a investigações historicas, ameaça desfazer-se em vagas conjecturas. Os historiadores a seu respeito divergem muito entre si e parecem contradizer-se.

Uns querem que este nome derive de *mini*, palavra guarani que significa pequeno, sorrindo-lhes a circumstancia, por vezes affirmada, que os Minuanos eram de estatura menor.

Outros pensam que este nome seria corrupção de *guenoas* e que se ligariam á tribu desta denominação.

Ha quem encontre os Minuanos já no tempo dos primeiros conquistadores e sustenta que mataram a João de Garay. Apoiam-se talvez em Lozano (32) que narra

---

(32) **Conquista, II, cap. 12.**

que Garay foi traiçoeiramente morto por um tuxava antes desconhecido, de nome Manuá, cuja gente ao depois se chamava Minuanos. ([33])

Que porém Lozano mesmo não era desta opinião, se evidencia pelo facto que em outro logar fala dos Minuanos, sem identifical-os com os inimigos de Garay, nem mencional-os na sua lista das tribus antigas.

O que projecta alguma luz nestas trevas de opiniões desencontradas é que diversos autores concordam em attribuir aos Minuanos as qualidades conferidas aos Charruas. As presumpções mais fortes, pois, fazem acreditar que os Minuanos não são mais que uma divisão de Charruas, formando uma nova e independente tribu.

Dois factos confirmam esta conjectura, o primeiro é a facilidade com que as duas tribus sempre se juntavam e confundiam para acções communs; e outro é a persistencia dos governadores hespanhóes em denominar uns e outros promiscuamente Charruas. ([34])

A denominação de Minuanos *se particularisou* quando estes indios, cedendo á colonisação christã, representada por villas hespanholas e reducções de indigenas, se retiraram para a região a Este do Uruguay e sul do Ibicuhy, affluente do mesmo.

Tinham os mesmos costumes que os Charruas e tambem sua lingua era semelhante.

Sustentavam-se, como as outras tribus equestres,

([33]) Ib. t. I. cap. 2.

([34]) Bauzá, Hist. de la dominicion española en el Uruguay, 2.ª ed. Montevidéo 1895, t. I cap I.

quasi exclusivamente de carne de vacca ou de cavallo. As suas refeições não eram sociaes, comendo cada um quando e onde lhe convinha.

Os jesuitas começaram a formar uma reducção entre elles ao sul do rio Ibicuhy, porém, em breve voltaram os indios á sua vida antiga.

No inicio do seculo 18 achavam-se estabelecidos no sul do Estado; assim o documentam officios dos governadores portuguezes e que ao mesmo tempo manifestam quanto caso faziam aquelles magistrados da sua amizade, enviando-lhes da Bahia cada anno certo numero de rolos de *fumo* de que eram mui avidos. ([35]) Em 1749, segundo documento inedito, viviam oitenta familias na visinhança da guarda do Chuy, cujo official diligenciou se baptisassem quarenta meninos desta tribu.

No fim do dito seculo foram encontrados nas margens do rio Ibicuhy, repartidos em seis toldos ou aldeias, contendo cada qual cincoenta pessoas. ([36])

NOTAS AO MAPPA ETHNOGRAPHICO HISTORICO DO RIO GRANDE DO SUL

Não é sem algum receio que me disponho a tratar o assumpto proposto. Pois offerece sensiveis lacunas até entre os que se não consideram hospedes na historia patria.

([35]) Visconde de S. Leopoldo. Annaes da Provincia de S. Pedro. Docum. justif., B. Fumo, tabaco preparado para se fumar.

([36]) Bibliotheca Nacional de Montevidéo vol. I.

Não parecerá uma lenda ([37]) que não só na margem oriental do Uruguay, mas no centro do Rio Grande do Sul e aquem, ha quasi tres seculos, existissem nucleos de civilisação européa?

Procurando a causa desse olvido geral que se nota em nossos livros historicos, só acho a seguinte: Não se conhecem as fontes historicas, ou antes essas não se encontram no nosso centro, nem na antiga metropole portugueza. E', porém, um principio não de todo desconhecido ([38]) que, para se estudar a historia de um paiz, é necessario não descurar a dos estados visinhos.

A luz que dissipa as trevas que pairam sobre os tempos antigos do Rio Grande não vem do Rio nem do Norte, mas do Sul e Oeste. Nos archivos de Buenos Aires, Montevidéo e outros, é que se acham os documentos que, como aquelles raios maravilhosos ha pouco descobertos, nos habilitam a penetrar a mais densa obscuridade da nossa historia. ([39])

([37]) Ha ou houve cultores da nossa historia que assim pensam ou pensaram.

([38]) En faisant de l'histoire et de la géographie du Brésil l'objet d'un enseignement spécial, il serait nécessaire d'en élargir un peu les limites et de n'en pas séparer ce qui concerne le reste de l'Amérique. La plupart des problèmes de l'histoire du Brésil ne sauraient être traités et resoluts d'une manière plus ou moins definitive sans le concours des données fournies sur l'histoire des autres états du nouveau monde". (Fr. Camille de Monserat, Annaes da Bibl. Nac. vol. XII, pag. 395).

([39]) Tanto a chorographia como a ethnologia nos indigitam os visinhos occidentaes como exercendo em nosso meio influencia decisiva; a chorographia nos adjudica á bacia do Prata e a ethnologia nos aponta a cordilheira dos Andes.

E esses novos esclarecimentos foram aproveitados neste estudo.

1) *Objecto do mappa annexo*

O Rio Grande do Sul não figura nos mappas antigos senão como parte integrante da Provincia e Governo do Paraguay e desde 1617 do de Buenos Aires. Referindo-se, portanto, mappas e historiadores ao nosso torrão, fazem-no sempre sob as denominações mencionadas.

A mais encontramos nas antigas representações cartographicas rios, que se nos afiguram desconhecidos em sua nomenclatura extranha, serras e montanhas, cujos nomes aqui não se ouviram nunca, os graus de longitude e latitude differem dos verdadeiros, não só por fracções mas por inteiros.

Não admira, pois, que á geração de hoje seja o Rio Grande antigo uma terra incognita, e a affirmação de uma civilisação extincta para aquellas épocas encontre um sorriso sceptico. Só um estudo comparativo, methodico e paciente, acabará por levantar o véo que nos encobre esta nossa Arcadia de outr'ora, verificando os traços dos antigos mappas naturalmente deficientes no relevo da representação moderna.

Não é meu intento reproduzil-os aqui, mas sim verificar a posição o quanto póde ser exacta das reducções e tambem estancias ([40]) mencionadas nas fontes historicas,

---

([40]) Quanto ás estancias o nosso mappa não pretende ser completo por falta de informações fidedignas.

Nas *Missões Orientaes*, do dr. Hemeterio da Silveira, vêm mencionadas diversas estancias p. ex. as de S. Donato, S.

cujo elenco apresento ao leitor; pois, como é obvio, não posso entrar aqui no minucioso exame das mesmas, nem do methodo seguido pelos autores. Informações mais copiosas reuni-as no I capitulo deste livro, intitulado — *Poranduba Rio-Grandense.*

O mappa que offereço aos estudiosos é o fructo da compilação dos antigos e da cuidadosa synthese de noticias esparsas nos chronistas e fontes inéditas. Julgo, portanto, que faz justiça á fidelidade historica.

As datas appostas obstarão ao equivoco de considerar todos os estabelecimentos como coevos.

2) *O mappa "Caraffa"*

Bem que, como acabo de dizer, não me seja possivel fazer exame critico de todas as minhas fontes, não posso furtar-me ao desejo de dar uma descripção pormenorisada das mais ricas e em primeiro logar do mappa offerecido pelos missionarios do Paraguay ao P. Vicente Caraffa, então Geral da Companhia de Jesus.

Autoridade competente ([41]) considera este documento o mais valioso para o estudo das Missões do seculo 17.

Parece que foi desenhado entre os annos de 1637 e

Christo e Bororé no rincão da Cruz, ao norte da barra do Ibicuhy. Estas preciosas noticias seriam mais valiosas e aproveitaveis, se viessem acompanhadas das fontes historicas. Como da estancia de Tupaceretan se desenvolveu a hodierna povoação do mesmo nome, póde-se vêr p. 266 da dita obra.

([41]) *Exposição* que os Estados Unidos do Brasil, apresentam ao Presidente dos Estados Unidos da America como arbitro. Vol. I.

1640, porque encontramos nelle ainda a reducção de Assumpção, a qual existiu até 1637, e as reducções do Tape, reedificadas entre o Uruguay e o Paraná.

E', pois, dentre todas as representações cartographicas conhecidas do Rio Grande *inteiro,* a mais antiga.

Entrando num estudo de confrontação com as modernas, quasi que não encontramos nome conhecido, a não ser o "porto de S. Pedro", na costa do Atlantico sobre a embocadura de um rio de longo curso. Desce da serra, seguindo rumo sul com a denominação de Igay, porém, depois de receber o rio Jequi, dobra para sudeste, chamando-se d'ora em deante Rio Grande até o referido porto, ao qual este Estado deve o seu primitivo nome.

A Lagoa dos Patos ainda não apparece nem sob este, nem outro nome.

Para nos orientarmos, cumpre primeiro consultar outros mappas mais recentes. Os chronologicamente mais chegados pertencem ao primeiro quartel do 18 seculo e nada adeantam. Novas informações só as colhemos num

3) *Mappa do meiado do seculo 18*

Este traz ao pé do titulo a legenda:

Sub Ferdinando IV. Rege catholico, é portanto anterior a 1760, anno em que veiu a fallecer o dito rei de Hespanha.

Pelo confronto deste mappa chegamos a saber que o rio Igay é o nosso Jacuhy; o Jequi, o Rio Pardo, e o Tebiquary, o nosso Taquary. Eis-nos, emfim, informados sobre a posição de não poucas reducções, v. gr. de fica-

rem S. Christovam e Jesus Maria perto do Rio Pardo, S. Anna e Natividade nas margens do alto Jacuhy, etc.

O Rio Grande do mappa Caraffa desappareceu e em seu logar espraia suas aguas a Lagoa dos Patos.

Vemos apontadas algumas reducções sobre um rio Ibicuiti, no qual facilmente reconhecemos o Ibicuhy.

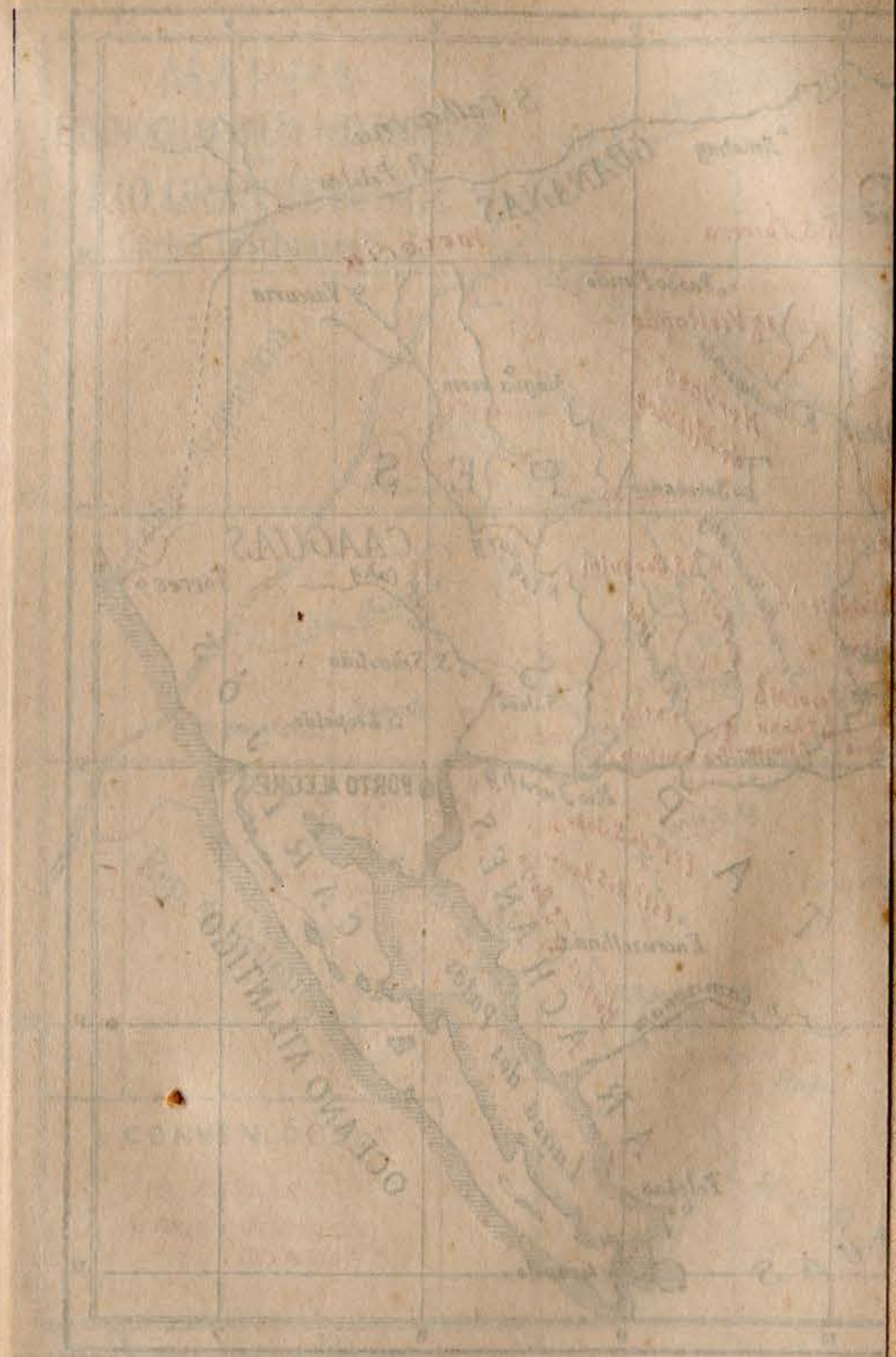
O rio Vaccacahy ainda não apparece nos primeiros mappas; surge em meiados do seculo 18 em documentos ineditos (Nusdorffer) sob o nome de *Quacacahy*. Sob o mesmo nome figura tambem uma vez o Jacuhy. Este no seu curso inferior apparece ora como Rio Grande, ora como rio do Espirito Santo, Guahyba e Iguaçu. (Mappa "das Cortes").

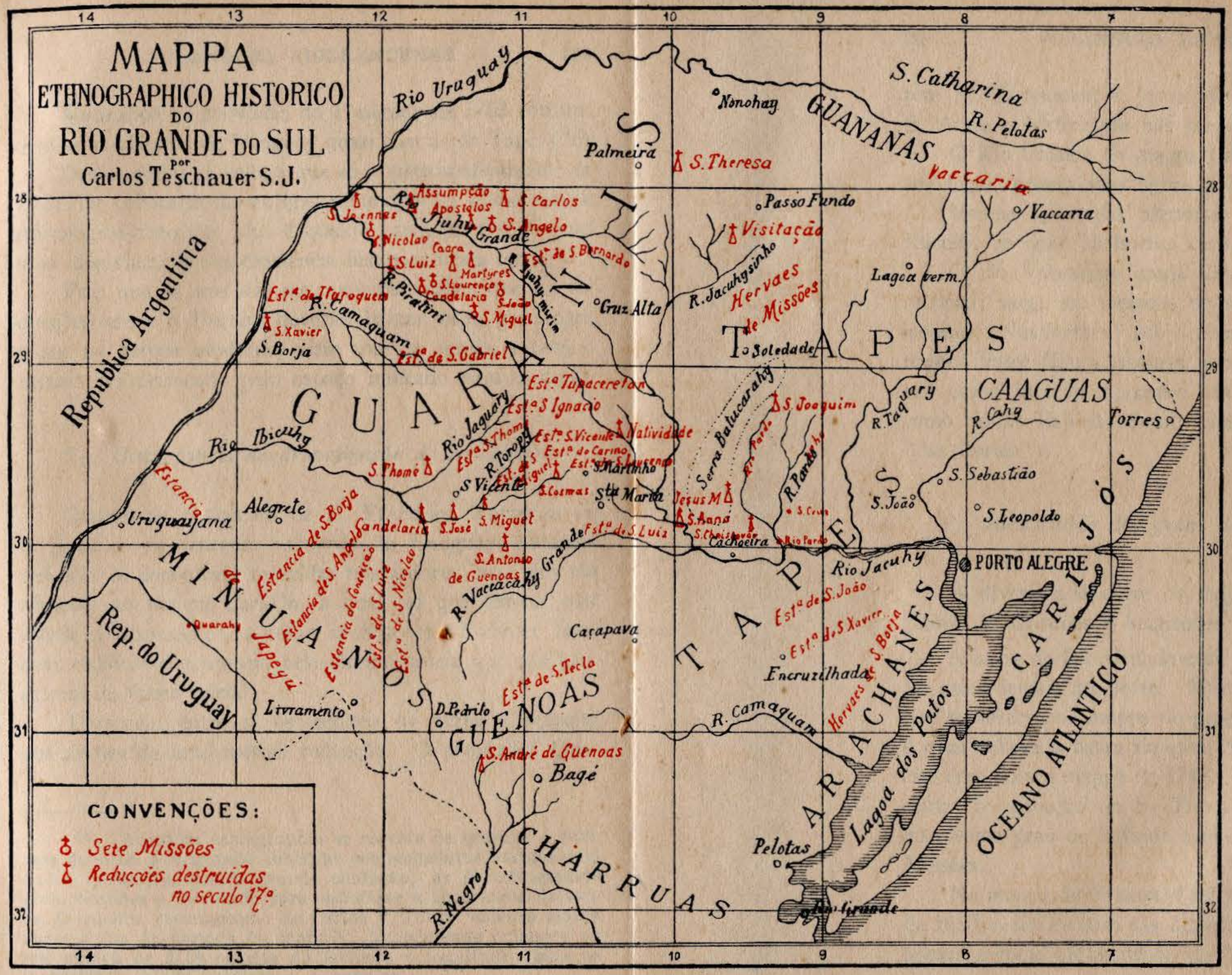
4) *Inexactidão dos graus de latitude e longitude*

A diversidade entre os mappas antigos e modernos quanto ás latitudes e longitudes é notavel.

A barra do Rio Grande está, p. ex., no mappa Caraffa ½ grau demais ao norte. Muito maior é a inexactidão que se observa no mappa do geographo *d'Anville* de 1733, o qual colloca a barra no grau 30! Corrigiu elle mesmo este erro no seu mappa de 1748. No mappa *Caraffa* se encontra a reducção de S. Thomé sobre o Ibicuhy quasi no mesmo grau de latitude com a de S. Nicolau das Sete Missões.

No mappa de Sanson d'Abbeville, *géographe du Roy*, de 1650, o rio Piratini das Missões, tributario do Uruguay, apparece como affluente do rio Ibicuhy.





Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

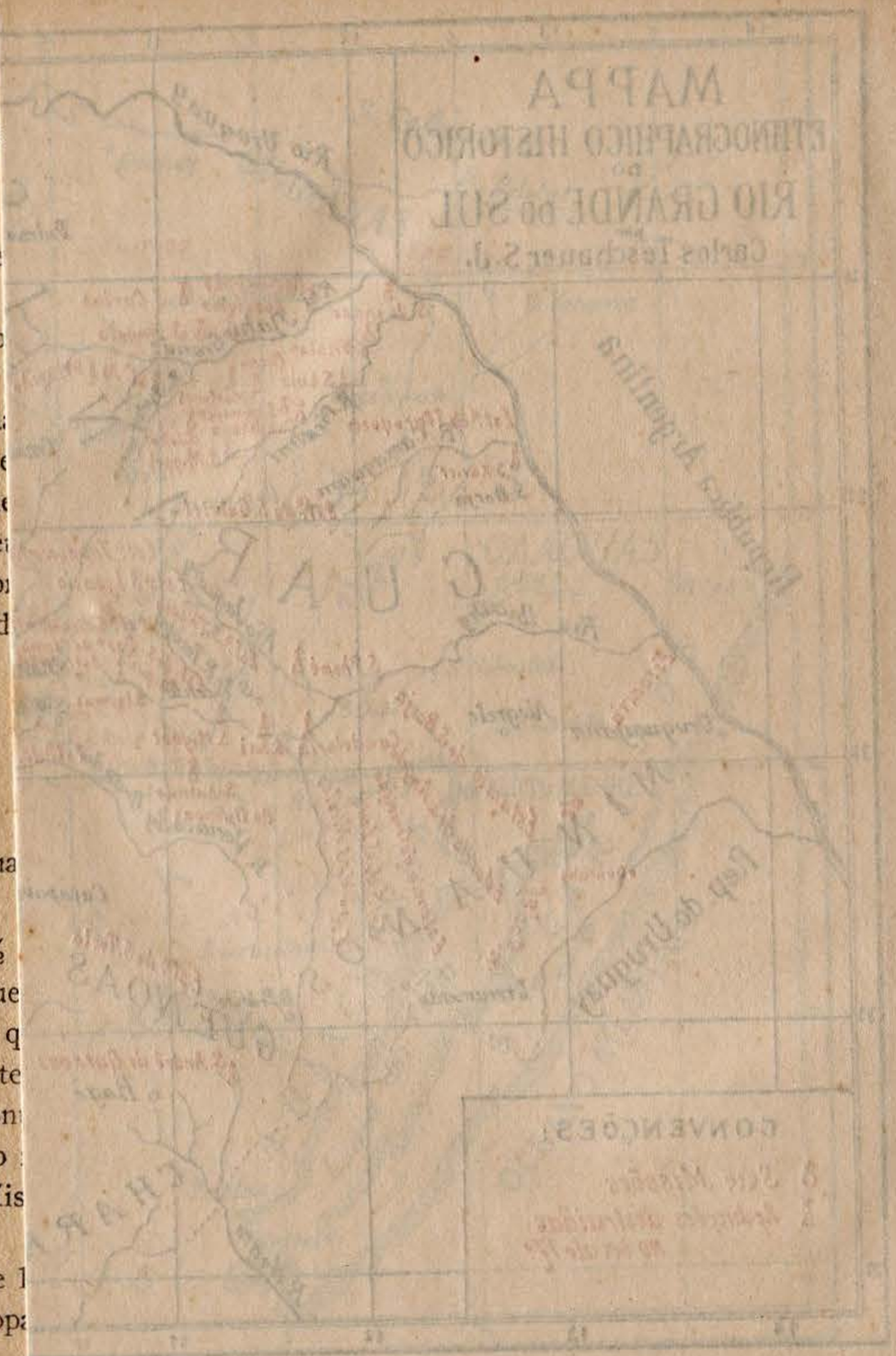
NDENSE

perto do Rio Pardo,
do alto Jacuhy, etc.
fa desappareceu e em
oa dos Patos.
ucções sobre um rio
cemos o Ibicuhy.
pparece nos primeiros
lo 18 em documentos
le *Quacacahy*. Sob o
z o Jacuhy. Este no
mo Rio Grande, ora
ba e Iguaçu. (Mappa

titude e longitude

s antigos e modernos
notavel.
ex., no mappa Caraffa
naior é a inexactidão
ho *d'Anville* de 1733,
Corrigiu elle mesmo
mappa *Caraffa* se en-
bre o Ibicuhy quasi
S. Nicolau das Sete

e, *géographe du Roy*,
ributario do Uruguay,
uhy.



No mappa da provincia do Paraguay de 1763 confundem-se as Missões do Uruguay quasi com as do Tape. ([42])

Destes dados se collige que só approximativamente se póde dar collocação ás antigas reducções no nosso mappa ethnologico-historico. Mas é quanto basta para se formar uma idéa clara de sua existencia historica nesta terra.

Pois que se nos dá, por exemplo, saber que as reducções sobre o Ibicuhy deverão baixar meio grau para o sul no mappa moderno, visto que no antigo estava o mesmo rio deslocado pelo espaço indicado para o norte.

5) *Discrepancia na denominação de localidades*

Quanto ás reducções de S. Francisco Xavier e de S. Joannes na margem *esquerda* do Uruguay, notamos que não se encontram referidas nos autores, mas sim tão sómente no mappa Caraffa, o qual, ao que parece, não estava á disposição daquelles escriptores. Póde-se, tambem, explicar seu silencio pela circumstancia que não passassem da época inicial.

Divergem entre si os autores ás vezes a respeito dos nomes de uma mesma reducção. O provincial Que-

---

([42]) A antiga cartographia se resente de grandes e capitaes defeitos. Procurando conciliar conhecimentos antigos com dados modernos, nascia grande confusão; os descobrimentos eram torcidos e torturado para satisfazer a ignorancia da epoca. O celebre cosmographo de Carlos V, Diego Ribeiro marca epoca e fim do periodo da confusão, introduzindo primeiro no seu mappa de 1529 escalas de latitude e longitude. Mas as inexactidões ainda continuam a pupular.

rini, por exemplo, diz no seu "Informe" que a reducção — Apostolos — foi fundada em Ararica na margem occidental do Igahy, emquanto Techo narra que no mesmo logar estava a reducção — Natividade — e concorda com elle o mappa Caraffa.

E' só apparente a differença. Pois a reducção — Natividade — transferida para a margem occidental do Uruguay tomou lá o nome de — Apostolos.

Tendo este mappa por fim dar um quadro relativamente completo dos estabelecimentos da antiga, bem que transitoria, civilisação do Rio Grande, lembro outra vez que apparecem na região missioneira deste mappa reducções, uma ao lado de outra, que não eram contemporaneas. Contemporanea era só a mais antiga de todas, a de S. Nicolau; as outras seis das celebres Missões foram fundadas só mais tarde. (43)

---

(43) A Aldeia dos Anjos (hoje villa do Gravatahy) não é originariamente um estabelecimento dos missionarios como muitos pensam. "Os indios desta aldeia foram civilisados por esforços de Sepulveda..." que sob o nome de José Marcellino de Figueiredo governou por muitos annos o Rio Grande. (Bibl. Publ. de Lisboa, consult. por Joaquim Gomes de Campos). Semelhante origem deve-se attribuir á pequena povoação de S. Nicolau, nos suburbios de Rio Pardo.

LISTA CHRONOLOGICA DAS REDUCÇÕES DE INDIOS NO ANTIGO RIO GRANDE DO SUL

I — *Na banda oriental do rio Uruguay*

		Fundadas	Destruidas ou abandonadas
1	Candelaria (Ibicuhy)	1627	1627
2	Candelaria (Piratini)	1627	1637
3	Caaro	1628	1638
4	Assumpção	1628	1638
5	S. Martyres de Japão	1629	1638 (?)
6	S. Carlos	1631	1638 (44)
7	S. Joannes (?)	No mappa —	
8	S. Xavier	Caraffa de 1646	
9	Apostolos	1633	1638

II — *No Tape* (Centro)

10	S. Thomé	1632	1639
11	S. Miguel	1632	1638
12	S. José	1633	1638
13	Natividade	1633	1638
14	S. Anna	1633	1638
15	Jesus Maria	1633	1636
16	S. Thereza	1633	1637 (45)
17	S. Christovam	1633	1636
18	S. Joaquim	1633	1637
19	Visitação	1633	1637
20	S. Cosme	1634	1638
21	S. André	1683	1685
22	S. Antonio	1683	?

(44) Lozano. — Querini, Informe a D. Fernando VI, diz que em 1639.

(45) Schirmbeck, Messis Parag., pag. 123 diz tambem em dezembro de 1637.

III — *Os sete povos orientaes*

23	S. Nicolau (46)	1626	Em 1756 tomados pelos exercitos alliados de Portugal e Hespanha.
	2.ª vez	1687	
24	S. Miguel	1687	
25	S. Luiz Gonzaga.....	1687	
26	S. Borja	1690	
27	S. Lourenço	1691	
28	S. João Baptista	1698	
29	S. Angelo	1706 (47)	

OBSERVAÇÕES — Algumas reducções tinham respeitavel numero de habitantes, como Jesus Maria, que contava seis mil baptisados e muitos catechumenos. (Techo, lib. XI cap. 30).

S. Nicolau e S. Miguel dos sete povos representavam pequenas cidades, cujo numero se elevou a seis e sete mil e mais.

LITTERATURA

Gabriel Soares de Souza. Noticia do Brasil, 1589.

Adam Schirmbeck S. J. Messis Paraquariensis a P. P. S. J. por sexenium in Paraquaria collecta; Monachü 1649.

Antonio Ruiz de Montoya, Conquista Espiritual, hecha por los religiosos de la Compañia de Jesus en las provincias del Paraguay, etc. Madrid, 1639.

Simão de Vasconcellos, Chronica da Companhia de Jesus, no Estado do Brasil, Lisboa 1662.

(46) Lozano dá 1625 (Conq. esp., I 2).

(47) Querini escreveu 1707, se referindo ao tempo em que foi transferido este povo a um logar visinho.

Nicolas del Techo, Historia Provinciae Paraquariae S. J. Leodü 1673.

Pedro Lozano, S. J., Historia de la Compañia de Jesus de la Provincia del Paraguay, Madrid 1755.

— Historia de la Conquista del Paraguay, Rio de la Plata, Buenos Aires 1875.

Sanchez Labrador, S. J. Paraguay, inedito.

Pedro Francisco Xavier de Charlevoix, S. J. Histoire du Paraguay, 6 tom.; Paris 1757.

Visconde de S. Leopoldo, Annaes da Provincia de S. Pedro 1839.

Conego João P. Gay, Historia da republica jesuitica do Paraguay, Rio 1863.

Manuel R. Trelles, Revista del Archivo General de Buenos Aires, 4 tomos. Buenos Aires 1872.

— Revista de la Bibliotheca Publica de Buenos Aires 1882.

José H. Figueira, Los primitivos habitantes del Uruguay, Montevidéo 1894.

H. von Ihering, Civilisação prehistorica do Brasil Meridional, Rev. do Museu Paulista, vol. I S. Paulo 1895.

— Die Lagoa dos Patos. Deutsche Geographische Blätter, B. VIII, Bremen 1885.

— Os indios Patos e o nome da Lagoa dos Patos. S. Paulo 1907.

Francisco Bauzá, Historia de la Dominacion Española en el Uruguay, 2.ª edic. 3 tomos, Montevidéo 1895.

Raphael M. Galanti, S. J. Compendio de Historia do Brasil, 5 tomos 1896-1905.

Brigadeiro *José Joaquim Machado Oliveira,* Quadro historico da Provincia de S. Paulo. S. Paulo 1897.

Alfredo F. Rodrigues, O nome da Lagoa dos Patos. Annuario do Rio Grande do Sul para 1899, por Graciano A. de Azambuja, Porto Alegre 1898.

Visconde de Porto Seguro, Historia Geral do Brasil, 3.ª ed. do 1.º tomo, revista por Capistrano de Abreu. Rio de Janeiro 1906.

Carlos Teschauer S. J. Poranduba Rio-Grandense, Porto Alegre 1901.

— Vida e obras do ven. Roque Gonzales de S. Cruz. Porto Alegre, 1928, 3.ª ed.

Anthropos, Mythen u. alte Volkssagen aus Brasilien, Salsburg, 1906.

Dr. Paul Ehrenreich, Ethnographia Selvagem, traducção de um artigo publicado no *Archiv für Anthropologie* Braunseschweig, 1906.

Dr. *Theodoro Sampaio,* O Tupy na geographia nacional, S. Paulo 1901.

Barão do Rio Branco, Exposição que os Estados Unidos do Brasil apresentam ao Presidente dos E. U. da America como arbitro. Vol. 1 e 2.

Samuel A. Lafone Quevedo, Ethnologia Argentina, Buenos Aires 1909.

Dr. Edgard Roquette Pinto, Ethnografia Indigena do Brasil, Relatorio apresentado ao IV Congresso Medico Latino Americano, Rio de Janeiro 1909.

Hemeterio J. Velloso da Silveira, As Missões Orientaes, Porto Alegre 1910.

MAPPAS

Mappa de *Diogo Ribeiro,* 1529.
" " *Nicolas Desliens,* 1543.
" " *Jacopo Gastaldi,* 1554, publicado em Veneza, por M. Tramezini.
" " *Bartholomeu Velho,* 1561.
" " *Lazaro Luiz,* 1563.
" " *Diogo Homem,* 1568.
" " *Fernão Vaz Dourado,* 1568.
" " *Abr. Ortelius* Americæ sive Novi Orbis descripto, 1570.
" " *Fernão Vaz Dourado,* 1571.
" " *André Thevet,* 1575.
" " *Van Doet,* 1585.
" " *Cornelino de Jode,* 1593.
" " *Michael Mercator,* 1595.
" " *Van Langeren,* 1596.
" " *Jod. Hondius,* 1597.
" " *Mathias Quaden,* 1598.
" " *Jod. Hondius,* 1602.
" " *Hermann Janss & M. Janss,* 1610.
" " *A. Florent-van Langeren,* 1630.
" " *João Teixeira,* 1640.
" " *João Teixeira,* 1642. (1)
" " *Nic, Sanson d'Albeville,* 1650.

---

(1) Vide atlas do Barão do Rio Branco.

Paraquaria vulgo Paraguay cum adjacentibus Rdo. P. Vincentis Caraffa Preposito Grals. Soctis. (1646—49) "Primeiro Mappa do Paraguay".

Carta geographica de *Guilherme de l'Isle,* 1700.

Paraquariae Provinciae Soc. Jesu cum adjacentibus, novissima descriptio post iteratas peregrinationes et plures observationes Patrum Missionariorum ejusd. Soc. tum hugus Provinciae tum Peruanae accuratissime delineata Anno 1722.

Paraquariae Provinciae Soc. Jesu cum adjacestib.ª novissima descriptio postiteratas peregrinationes et plures, observationes Patrum Missionariorum ejusd. Soc. tum hujus Provinciae tum Peruanae accuratissime delineata et emendata. Anno 1732.

Le Paraguay où les RR. PP. de la Comp.

Amérique Meridionale pour d'Anville, 1748.

Parte de la America Meridional en que trabaja el zelo los Religiosos de la Compañia de Ihs. de la Prov. dicha del *Paraguai.* — Não antes de 1762.

Mapa geografico de America Meridional dispuesto y gravado por D. Juan de la Cruz *Cano y Olmedilla* geogr. pondo. de S. M., etc. 1777.

Mapa da Provincia de S. Pedro, reduzido segundo uma carta manuscripta e levantada debaixo da direcção do Illmo. e Exmo. Sr. *Visconde de S. Leopoldo.* (Paris, 1839).

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

CAPITULO VIII

Civilisação dos guaranis no Rio Grande do Sul

"São essas monographias, devidas ao espirito de investigação e amor ás cousas patrias, que hão de construir a nossa historia".

Barão Homem de Mello
(Rev. do Inst. Hist., tom. 59 p. II)

Suffocaram os Missionarios Jesuitas entre os Indios o personalismo, reduzindo-os e degradando-os ao estado de meros automatos?

———

Muitas são as accusações que se tem levantado contra os antigos Missionarios da America do Sul, e que tem sido tantas vezes refutadas quantas repetidas e repisadas. Ha, porém, uma que se lhes tem irrogado, e esta gravissima, sem encontrar refutação satisfactoria; e esta é de tanto maior importancia pelo facto de partir não só de inimigos dos Missionarios, mas tambem de pessoas imparciaes e até mesmo de amigos da Companhia de Jesus. E' ella a seguinte: Por seu systema de civilisar